

Roma estabelece a visão - Número Dezesete

A separação final dos 144.000: a prova profética da imagem da Besta

Jeff Pippenger

2024-09-24

Os chamados a estar entre os cento e quarenta e quatro mil estão agora passando por seu processo final de peneiramento, e esse processo é um processo de prova, baseado na formação da imagem da besta. O processo de prova começa pela casa de Deus, pois o juízo sempre começa pela casa de Deus, e, posteriormente, o outro rebanho de Deus é confrontado com o mesmo processo de prova. Talvez a característica profética mais significativa e importante na formação da imagem da besta seja que ela ocorre duas vezes; primeiro nos Estados Unidos, depois no restante do mundo. Profeticamente, isso significa que a imagem da besta no mundo é a manifestação final da imagem da besta e, portanto, qualquer tipificação da imagem da besta que precedeu a imagem da besta no mundo era simplesmente a sombra que tipificava a substância.

O juízo começou pela casa de Deus em 11 de setembro de 2001. Essa data havia sido tipificada por 11 de agosto de 1840, quando o anjo de Apocalipse 10 desceu com um livrinho aberto em sua mão. Quando o anjo do capítulo 10 desceu, ele anunciou que o juízo sobre o Protestantismo estava então em curso. A quem Deus julga, Ele primeiro adverte, e a confirmação da metodologia de Miller na determinação do tempo acrescentou peso aos seus cálculos sobre o juízo da Segunda Vinda. O teste dos protestantes estava em curso desde 11 de agosto de 1840 e, em 1844, os protestantes haviam se tornado filhas de Roma. O período de 1840 a 1844 tipifica o período de 11 de setembro de 2001 até a iminente lei dominical.

Esses dois períodos também foram representados desde o batismo de Jesus, quando o Espírito Santo desceu, até a cruz. Esses três períodos foram todos tipificados pelos cento e vinte anos que foram atribuídos ao mundo antediluviano, culminando no dilúvio. Há sempre uma mensagem de advertência que identifica o juízo daquela história em particular. Há histórias sagradas que também abordam esse período específico nos últimos dias.

Noé pregou por cento e vinte anos; então chegou o juízo do dilúvio. Cristo pregou por mil duzentos e sessenta dias; então veio o juízo da cruz. A mensagem de advertência de João Batista foi revestida de poder no batismo de Cristo, e então Jesus foi conduzido ao deserto por quarenta dias. Aqueles quarenta dias, e as três provas subsequentes ao final dos quarenta dias, ensinam que, uma vez que a mensagem é revestida de poder, como identificado pela descida de um símbolo sagrado, como o Espírito Santo em Seu batismo, e pela descida de ambos os anjos dos capítulos dez e dezoito de Apocalipse — um processo de prova está em curso. Quando o símbolo divino desce, a mensagem de juízo proclamada àqueles que então são o objeto do juízo é revestida de poder, e o grupo específico que está sendo julgado entra em um período específico que só termina com o encerramento de seu tempo de prova.

A linha de Jesus identifica dois períodos de testemunho. O primeiro foi o seu testemunho pessoal por mil duzentos e sessenta dias; depois, o seu testemunho na presença de seus discípulos por mais mil duzentos e sessenta dias, até Estêvão ser apedrejado.

“Então, disse o anjo: ‘Ele firmará uma aliança com muitos por uma semana [sete anos].’ Por sete anos depois que o Salvador entrou em Seu ministério, o evangelho deveria ser pregado especialmente aos judeus; por três anos e meio pelo próprio Cristo; e, depois, pelos apóstolos. ‘No meio da semana fará cessar o sacrifício e a oblação.’ Daniel 9:27. Na primavera do ano 31 d.C., Cristo, o verdadeiro sacrifício, foi oferecido no Calvário. Então, o véu do templo rasgou-se em dois, mostrando que a santidade e o significado do serviço sacrificial haviam cessado. Chegara o tempo para que cessassem o sacrifício e a oblação realizados na terra.”

Aquela semana — sete anos — terminou em 34 d.C. Então, com o apedrejamento de Estêvão, os judeus finalmente selaram sua rejeição do evangelho; os discípulos que foram dispersos pela perseguição "iam por toda parte pregando a palavra" (Atos 8:4); e pouco depois, Saulo, o perseguidor, foi convertido e tornou-se Paulo, o apóstolo dos gentios. O Desejo das Eras, 233.

As linhas de Noé, de Cristo, dos mileritas e dos cento e quarenta e quatro mil dão testemunho de um período de tempo em que um público-alvo específico é provado por uma mensagem de advertência. O fortalecimento da mensagem identifica o início de um período de prova, que por sua vez termina com o fim do tempo de graça daquele público-alvo. Com a linha profética de Jesus, são identificados dois períodos de testemunho. Esses dois períodos de testemunho tipificam as duas mensagens de advertência representadas pelo anjo que desceu em 11 de setembro de 2001, o qual cumpriu Apocalipse 18:1-3, e foi então seguido pela segunda voz do versículo quatro em diante do capítulo dezoito.

Assim, na obra final de advertência ao mundo, dois chamados distintos são feitos às igrejas. A mensagem do segundo anjo é: “Caiu, caiu a Babilônia, a grande cidade, porque fez todas as nações beberem do vinho da ira da sua fornicação.” E, no alto clamor da mensagem do terceiro anjo, ouve-se do céu uma voz dizendo: “Sai dela, povo meu.” Review and Herald, 6 de dezembro de 1892.

O primeiro período é o juízo que começa pela casa de Deus, e então, com a iminente lei dominical, o segundo período de juízo se inicia com a advertência para sair de Babilônia. A linha de Cristo, do Seu batismo até a cruz, representa de 11 de setembro de 2001 até a lei dominical nos Estados Unidos, e o período que vai da lei dominical nos Estados Unidos até o momento em que todas as nações são forçadas a aceitar o domingo como o Dia Global de Adoração conclui-se quando a última nação se submete.

O período começa com a lei dominical nos Estados Unidos e termina quando a última nação se curva ao poder papal. O início do segundo período marca o fim do primeiro, e ambos têm leis dominicais que foram previamente tipificadas no testemunho de Roma. A primeira lei dominical, no ano 321, foi instituída pela autoridade da Roma pagã. A lei dominical que foi instituída pela autoridade da igreja papal é representada pelo ano 538. A lei dominical nos Estados Unidos corresponde a 321, e a lei dominical imposta sobre a última nação corresponde a 538. A lei

dominical nos Estados Unidos assinala a chegada da mensagem de advertência, que então é proclamada pelo estandarte formado pelos excluídos de Israel.

Esse marco é o ano 321, e assinala o início do período de provação de todas as nações quanto à questão do domingo. Esse período termina quando a última nação se curva diante de Roma, e esse evento foi tipificado pelo marco do ano 538. O período de 321 até 538 foi tipificado pelo período da cruz até o apedrejamento de Estêvão. Enquanto Estêvão era apedrejado, viu Cristo de pé no santuário celestial, o que tipifica o momento em que Miguel se levanta no encerramento do tempo de graça humano.

11 de setembro de 2001 marca a chegada do aviso dos três primeiros versículos do capítulo dezoito, e foi assinalado pela predição apresentada pela profetisa Ellen White, que disse que, quando os grandes edifícios da cidade de Nova York fossem derrubados por um toque de Deus, esses mesmos três versículos se cumpririam. Também foi assinalado pelo Patriot Act, que foi um sinal para aqueles dispostos a ver: que o princípio do direito inglês, segundo o qual uma pessoa é inocente até que se prove sua culpa, foi posto de lado em favor do direito romano, que professa que uma pessoa é culpada até que se prove sua inocência.

O Patriot Act marcou o início do julgamento para o Adventismo do Sétimo Dia laodiceano. Esse período conclui-se com a lei dominical nos Estados Unidos. Aqueles Adventistas do Sétimo Dia laodiceanos que atravessarem com êxito esse período de peneiramento, então darão a mensagem de advertência do verso quatro do capítulo dezoito, que termina com a nação final que se curva a Roma. Esse período começa com a lei dominical nos Estados Unidos e termina com a lei dominical final.

Se compreendermos mal o fato de que há duas imagens da besta que são identificadas com base em mais de duas testemunhas, então compreenderemos mal a obra representada pelos três primeiros versículos do capítulo dezoito de Apocalipse, que começou em 2001, e a obra que começa no versículo quatro do capítulo dezoito.

Quando empregamos a identificação direta, feita pela Irmã White, da descida do anjo de Apocalipse 18 em 1888, e o fato de ela situar o mesmo anjo no tempo futuro, constatamos que 1888 tipifica 2001. O anjo do Apocalipse, que ilumina a terra com Sua glória, desceu nas reuniões de Minneapolis em 1888 e o fez novamente quando os grandes edifícios da cidade de Nova York caíram.

O período do batismo de Cristo até a cruz, e o período de 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844, e o período dos cento e vinte anos de Noé constituem três testemunhas de um período de juízo. 1888 apresenta um testemunho da manifestação da rebelião que foi registrada nas reuniões de Minneapolis, e Noé identifica a retirada do Espírito Santo daqueles que rejeitaram a mensagem. A rebelião dos antediluvianos, assim como a rebelião dos líderes da igreja em 1888, ambas se alinham com a história de Corá, Datã e Abirão na história de Moisés, a qual o anjo disse à Irmã White que estava sendo repetida em Minneapolis.

O período desde a Lei Patriota até a lei dominical nos Estados Unidos representa o período de prova para o Adventismo do Sétimo Dia laodiceano. A rebelião contra a mensagem de advertência que anuncia o seu juízo identifica a remoção do Espírito Santo e, portanto, o derramamento de forte engano sobre as virgens insensatas e ímpias daquela história. O foco da rebelião é o mensageiro escolhido, como representado por Noé, Moisés, os anciãos Jones e Waggoner e, claro, a irmã White. A rebelião contra a mensagem de advertência e o mensageiro daquela história está baseada no "azeite" na história da parábola das dez virgens.

Aqueles que apresentam a mensagem de advertência o fazem porque têm "óleo", que também é a mensagem de advertência. A distinção entre as duas classes é, portanto, produzida pelas aplicações corretas das regras de interpretação profética que foram adotadas por aqueles do movimento dos dois primeiros anjos, representadas como as regras de interpretação de Miller, e também pelas regras de interpretação profética adotadas pelo movimento do terceiro anjo.

O teste que é representado como a "formação da imagem da besta" deve, portanto, ser um teste relacionado com a forma como a imagem da besta é formada na palavra profética de Deus.

Desde o Patriot Act, em 2001, que foi prefigurado pelo Projeto de Lei Blair, em 1888, que foi prefigurado pela Declaração de Independência, em 1776, que foi prefigurado pelo batismo de Cristo, o qual prefigurou 11 de agosto de 1840, todos eles apoiam a verdade de que o processo de prova do juízo começa com uma mensagem de advertência poderosa que deve ser tomada da mão do anjo e em seguida comida.

O ensino profético que identifica os Estados Unidos como os salteadores do teu povo confunde vários pontos em sua lógica, e esses pontos são frequentemente os textos-prova mais diretos no estabelecimento de elementos da formação da imagem da besta. Uma forma de ilustrar o fato de que essa prova é de caráter profético é usar as regras básicas da profecia para demonstrar uma verdade que só é compreendida se você aceitar Roma como o símbolo representado pelos salteadores do teu povo.

Esta ilustração é extraída das cinco linhas da história dentro do Adventismo, onde ocorreu uma controvérsia sobre Roma como símbolo. Estamos agora na última, ou sexta, dessas histórias controversas, e a controvérsia atual é idêntica à controvérsia representada no quadro de 1843.

É fácil ver essa verdade se você aplicar corretamente as regras proféticas. Uma regra profética que precisa ser usada é que os símbolos têm mais de um significado, e o significado que assumem em uma passagem deve ser estabelecido pela própria passagem. O rei sírio, Antíoco III Magno, cumpriu a batalha do versículo dez do capítulo onze de Daniel, e cumpriu a batalha de Raphia nos versículos onze e doze, e cumpriu a batalha de Panium no versículo quinze. A controvérsia milerita representada no quadro de 1843 foi a de que a falsa visão protestante identificava os "salteadores" como Antíoco Epífanes, ao mesmo tempo que sustentava a verdade de que os "salteadores" eram um símbolo de Roma.

Os versículos dez a quinze cumpriram-se pela primeira vez na história de Antíoco III Magno; assim, esses versículos, e a subsequente repetição histórica desses versículos, fornecem duas

testemunhas do cumprimento deles nos últimos dias, pois todos os profetas falaram mais diretamente sobre os últimos dias do que sobre os dias em que viveram.

Juntamente com essa regra estabelecida sobre onde o testemunho de um profeta deve ser aplicado, temos também a irmã White, que registrou diretamente: “muito da história que ocorreu em cumprimento desta profecia [Daniel capítulo onze] será repetido”. Antíoco III, o Magno, representa os Estados Unidos como exército por procuração da Roma papal. Os protestantes argumentaram que os salteadores haviam tipificado outro Antíoco, ao passo que os mileritas sabiam que era Roma. Atualmente, um lado identifica os Estados Unidos como os salteadores, e o outro lado sustenta a verdade fundamental.

Se a regra que identifica que os símbolos têm mais de um significado e que o significado deve basear-se no contexto em que são empregados é válida, então identificar os Estados Unidos como os ladrões estabelece um paralelo com a identificação de Antíoco como os ladrões feita pelos protestantes, mas agora Antíoco é um símbolo dos Estados Unidos nos últimos dias.

O contexto da passagem aborda diretamente a questão de qual poder se exalta para estabelecer a visão; portanto, dar ênfase a esse fato se justifica. Isso se justifica com base em muitos testemunhos, pois as outras linhas históricas de uma controvérsia sobre Roma como símbolo identificam o mesmo fato. Esse fato é que aqueles que estão do lado errado da questão invariavelmente identificam os Estados Unidos no lugar de Roma. Mas, se você não estiver disposto a aceitar que os símbolos têm mais de um significado, ou se você acredita que têm, mas não tem prática suficiente para ter plena confiança na regra, então será praticamente impossível para você acompanhar a lógica que agora será aplicada.

Todo poder com dois chifres representa os Estados Unidos nos últimos dias. A França é o poder duplo representado por Sodoma e pelo Egito. O Islã também tipifica os Estados Unidos, pois os Estados Unidos são o falso profeta em relação ao poder papal, que é Jezabel. Os Estados Unidos são Salomé em sujeição a Herodíades. Balaão também é um símbolo de um falso profeta, embora sua história seja mais complexa do que simplesmente ser um falso profeta.

As profecias de Balaão, que foram registradas depois que ele abençoou Israel três vezes, são associadas ao Islã de várias maneiras. O jumento é um símbolo do Islã, e não dá para deixar o jumento falante de fora de uma história de Balaão. Os sábios do Oriente que vieram adorar o menino Jesus foram guiados pelas profecias de Balaão. O Islã dos três ais do capítulo nove do Apocalipse representa o falso profeta Maomé.

Se você entende que os símbolos têm mais de um significado, então você sem dúvida também entenderá que muitas verdades são tão importantes que são representadas por uma variedade de símbolos. O símbolo que estabelece a visão é um símbolo de Roma e, portanto, é óbvio que Roma seria um tema central em toda a profecia bíblica. Um símbolo clássico e bem estabelecido de Roma é o rei do norte no capítulo onze de Daniel. O rei do norte, que chega ao seu fim sem que ninguém o ajude, é o poder papal, a Igreja Romana, o papa de Roma, o homem do pecado.

Na controvérsia envolvendo Uriah Smith, afirmou-se que o rei do norte no versículo trinta e seis era a França, e que o rei do norte no versículo quarenta era a Turquia. Tanto a França quanto a Turquia são símbolos dos Estados Unidos em diferentes contextos, mas, como ocorre com os protestantes, e como ocorre hoje, nessa controvérsia, Smith rejeitou a verdade de que o rei do norte é um símbolo da Roma moderna e afirmou que o símbolo de Roma estava representado por um símbolo dos Estados Unidos na França e, novamente, que o símbolo de Roma era um símbolo dos Estados Unidos representado na Turquia.

O contexto agora contém três linhas: a história milerita, a história de Uriah Smith e o aqui e o agora. Em cada uma dessas ilustrações há uma controvérsia acerca de um símbolo de Roma, que é aplicado indevidamente devido à compreensão equivocada de Roma como símbolo dos Estados Unidos.

A linha da controvérsia sobre “the daily”, no livro de Daniel, mantém essa mesma ênfase em argumentar contra a verdade a respeito de um símbolo de Roma, embora haja algumas nuances importantes nessa história.

A lógica do modelo profético de Uriah Smith levou seus seguidores a aplicar indevidamente a sexta praga no capítulo dezesseis do Apocalipse. Um problema principal na aplicação que Smith fez do capítulo dezesseis, além de sua tentativa de aplicar tudo literalmente, em um período em que tudo deve ser aplicado espiritualmente, foi sua incapacidade de ver a estrutura específica da tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta. Ao substituir o verdadeiro significado dos símbolos por significados de uma interpretação particular, a lógica de Smith impede que se reconheça como a tríplice união é formada, e o modo como ela se forma é "a grande prova para o povo de Deus pela qual sua salvação eterna será determinada".

O uso indevido dos símbolos de Roma é uma tentativa de Satanás de impedir que o povo de Deus dos últimos dias veja não apenas a Roma moderna, mas também como a Roma moderna se forma. A necessidade de reconhecer as características proféticas associadas à união das Nações Unidas, do poder papal e dos Estados Unidos acarreta consequências eternas.

No livro de Daniel há uma prova especial que enfatiza a importância de reconhecer as relações desses três poderes, e há outra prova especial que enfatiza esses mesmos pontos no livro do Apocalipse. “O contínuo” no livro de Daniel foi entendido por William Miller como sendo a Roma pagã ao estudar Segunda aos Tessalonicenses. Miller entendeu, a partir da descrição da relação profética entre a Roma pagã e a Roma papal em Segunda aos Tessalonicenses, que a palavra “o contínuo” era um símbolo da Roma pagã, e que a abominação da desolação seria, portanto, a Roma papal.

O ponto que estamos enfatizando, porém, é que, em Segunda aos Tessalonicenses, a relação entre a Roma pagã e a Roma papal é colocada em um contexto que ensina que, quando e se você não compreender a relação desses dois poderes, você recebe um forte engano e se perde para a eternidade.

Isto é o mesmo aviso da sexta praga, em que não apenas o dragão (que era a Roma pagã em Segunda aos Tessalonicenses) e a besta (que era o “homem do pecado” naquela passagem) são mencionados, mas, no capítulo dezesseis, também aparece o falso profeta. A passagem enfatiza a importância de reconhecer a relação entre os poderes que compõem a tríplice união da Roma moderna, que também é a Babilônia moderna.

A controvérsia sobre "o diário" aborda a mesmíssima controvérsia do último dia, mas amplia a identificação da controvérsia ao acrescentar a importância de compreender a relação entre os três poderes que compõem a Roma Moderna. Recusar-se a ver essa verdade é garantir um forte engano como sua recompensa.

Na controvérsia atual, aqueles que identificam os Estados Unidos como os ladrões parecem incapazes até de admitir por que seria relevante que os Estados Unidos sejam repetidamente representados como estando subordinados ao poder papal, em vez de serem o próprio poder papal. O bom senso mais elementar reconhece que o poder que controla a relação na política, na história, no casamento e na profecia bíblica é considerado a cabeça, e é a cabeça que se exalta para estabelecer a visão e depois cai.

A lógica que identifica os Estados Unidos como os ladrões é incapaz de aplicar a história que foi representada e, posteriormente, cumprida, de 321 a 538. O símbolo dos Estados Unidos deve cair antes que o "homem do pecado" seja revelado. O "homem do pecado" volta a ser revelado nos últimos dias e, antes que isso aconteça, os Estados Unidos devem cair primeiro.

A lei dominical nos Estados Unidos não identifica os Estados Unidos como a Roma Moderna; ela indica que a ruína nacional chegou e que os Estados Unidos foram totalmente desligados da retidão. A Roma Moderna que se revela quando os Estados Unidos se afastam por ocasião da lei dominical é o poder papal, que ali mesmo acaba de conquistar seu aliado, o falso profeta.

"O diário" no livro de Daniel e sua relação com a mensagem de William Miller, a importância de o entendimento de Miller derivar de 2 Tessalonicenses, capítulo dois, e a advertência para manter suas vestes na sexta praga, todos identificam elementos daquelas controvérsias que abordam questões atuais.

A advertência de Segunda aos Tessalonicenses capítulo dois, para os últimos dias, trata de um grupo que identifica os Estados Unidos como símbolo, mas se recusa a ser guiado pela luz que aborda a relação dos Estados Unidos com Roma papal. Ao fazerem isso, verão a relação não apenas entre Roma papal e os Estados Unidos, mas também a das Nações Unidas, o poder do dragão de Apocalipse capítulo dezesseis.

Assim como Uriah Smith, A.G. Daniells e W.W. Prescott, que a Irmã White identificou como incapazes de raciocinar de causa a efeito, assim também são aqueles que se recusam a ser guiados pela orientação da palavra profética de Deus na sua elaboração da relação desses três poderes nos últimos dias.

Tal como as primeiras, as atuais e as controvérsias de Uriah Smith, a controvérsia da relação dos três poderes, tal como representada em Segunda aos Tessalonicenses e na sexta praga, manifesta

uma interpretação particular que aponta para os Estados Unidos, mas recusa-se a ver certa característica profética dos Estados Unidos que exporia seu conceito errôneo e, possivelmente, os traria à luz.

Após 11 de setembro de 2001, surgiu a controvérsia sobre os quatro insetos de Joel. A verdade é que os insetos representavam um declínio espiritual progressivo da Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana pela introdução da teologia católica e do protestantismo apóstata. Mais uma vez, a aplicação correta dos quatro insetos é Roma, mas a interpretação particular afirmava que era o Islã, que é um símbolo de um falso profeta e, portanto, um símbolo dos Estados Unidos. Linha sobre linha, as controvérsias da história adventista que acabamos de abordar todas apontam para a mesma verdade.

O lado errado, com base em quatro testemunhas, identifica os salteadores como os Estados Unidos e, com base em duas testemunhas, é incorreto o entendimento que o lado errado tem dos Estados Unidos como símbolo. Os candidatos de Deus dos últimos dias a estarem entre os cento e quarenta e quatro mil estão agora em um teste profético. Não é um teste que se cumpra simplesmente votando por este lado ou por aquele. É um teste que só pode ser devidamente enfrentado se as regras proféticas forem aplicadas com exatidão. Para que o Leão da tribo de Judá despertasse Seu povo dos últimos dias para o fato de que não estão estudando com profundidade suficiente, Ele permitiu que heresias fossem introduzidas.

O fato de que uma heresia surgiu dentro deste movimento indica que nossa aptidão pessoal quanto às regras de interpretação profética é mais fraca do que deveria ser. Roma estabelece a visão, e a visão dos últimos dias é a derradeira ascensão e queda do rei do norte. Esse "rei" é também o "homem do pecado", e o "homem do pecado" é o "mistério da iniquidade", e aquele "ímpio". Ele é o anticristo, é simbolizado como os "salteadores do teu povo", e é a "cabeça" de Roma Moderna.

"Aqueles que se confundem em sua compreensão da palavra, que não conseguem ver o significado de anticristo, certamente se colocarão do lado do anticristo. Agora não há tempo para nos assimilarmos ao mundo. Daniel está em sua sorte e em seu lugar. As profecias de Daniel e de João devem ser compreendidas. Elas se interpretam mutuamente. Elas dão ao mundo verdades que todos deveriam compreender. Essas profecias devem servir de testemunho no mundo. Pelo seu cumprimento nestes últimos dias, elas se explicarão por si mesmas." Coleção Kress, 105.